

## O POETA JOANYR DE OLIVEIRA

**Anderson Braga Horta**

Joanyr de Oliveira, nascido em Aimorés, Minas Gerais, em 6 de dezembro de 1933, deixou-nos na manhã de 5 de dezembro de 2009. Foi sepultado no dia seguinte, exatamente quando completaria 76 anos. Acompanhei sua trajetória desde os inícios de Brasília, quando aqui, recém-chegados, nos encontramos. Da curva luminosa de sua passagem fui testemunha privilegiada.

Quando cheguei a Brasília, há quase meio século, cheguei só. A cidade, incipiente e vazia, de terras vermelhas revolvidas e edifícios a brotar do chão como do nada, via-se do alto como uma chaga ou uma rosa no cerrado.

Se a amizade é uma das coisas que dignificam o homem, naqueles primórdios solitários era necessidade vital. Uma das primeiras e mais sólidas amizades que fiz aqui foi Joanyr. Aproximavam-nos alguns pontos em comum, sendo um deles a mineiridade, eu de Carangola, na Zona da Mata, ele do Vale do Rio Doce, da cidade de Aimorés, onde minha família residiu nos idos de 1947. Tínhamos pouco mais ou menos a mesma idade. Ele com um livrinho publicado em 1957 – *Minha Lira*, por ele mesmo reputado imaturo –, eu iniciando um bater de asas em antologias, uma das quais organizada pelo infatigável Walmir Ayala. Claro que, de todas as nossas afinidades, a Poesia era a mais notável; mas eu afirmo que amizades duradouras e profundas requerem mais do que essa ou qualquer outra comunidade de cultos: elas pedem por base uma similitude de disposições de espírito antes modais que denominativas.

Joanyr foi um grande trabalhador literário. Além dos livros no gênero que o consagrou, publicou contos e um romance, escreveu crônicas para o rádio, manteve colunas de literatura em mais de um jornal, dirigiu revistas, foi sócio fundador da ANE – Associação Nacional de Escritores, que presidiu, até recentemente, com espírito de luta, ajudou a criar academias; e pode-se dizer que alcançou uma posição ímpar como antologista de poesia. Em 1962 lançou, pela Editora Dom Bosco, *Poetas de Brasília*, no dizer de José Roberto de Almeida Pinto “a primeira manifestação coletiva

ligada à poesia de Brasília”, e no de Napoleão Valadares, “a primeira obra literária editada na nova Capital”. Em 1971 viria a *Antologia dos Poetas de Brasília*, pela Coordenada Editora. Em 1982, em vez de se limitar aos poetas locais, preparou uma antologia temática: *Brasília na Poesia Brasileira* (Editora Cátedra, com apoio do Instituto Nacional do Livro, de saudosa memória), recebida entusiasticamente.

O antologista deixou pelo menos esboçada uma seleção de poetas de 1933, e preparada uma de *Poetas dos Anos 30*, ambas ideadas por Fernando Mendes Vianna, pouco antes de morrer, a segunda com edição prevista para 2010, ano do cinquentenário de Brasília. Lamentavelmente, parece que se frustraram suas tentativas de apoio financeiro.

O poeta nunca foi um acomodado. Tendo-se iniciado no jornalismo em Vitória, fundou e dirigiu periódicos religiosos no Rio, em São Paulo, em Goiânia e outras cidades de Goiás, onde teve um interlúdio de poucos anos na política. Deixou as terras cariocas pelo Planalto Central para exercer o cargo de Revisor do Departamento de Imprensa Nacional. Na Universidade de Brasília iniciou o curso de Filosofia Pura, vindo, entretanto, a se diplomar em Direito pela Universidade do Distrito Federal. Pastor evangélico, tinha a palavra fluente e inflamada. Logo nos seus primeiros anos brasilienses tentou o comércio; nos últimos, dedicou parte de sua energia a uma pequena indústria; malogrouse em ambos...

A essas e outras atividades devotou boa parte de sua grande capacidade de trabalho, nelas realizou com garra e competência sua missão de servir. Em verdade, porém, Joanyr era fundamentalmente poeta. Uma vocação para a poesia como poucas tenho visto. Muitos de nossos melhores críticos escreveram vigorosa e positivamente sobre seu fazer poético. Um dos que o viram mais intimamente e melhor o identificaram foi talvez Oswaldino Marques, que, prefaciando a antologia *Casulos do Silêncio* (Rio, 1988), sentenciava: “Joanyr de Oliveira pensa imagetivamente”, desse modo lhe sublinhando a sintaxe nitidamente diferenciada da sintaxe da prosa.

Joanyr sofria de diabetes, mal insidioso a que não dava o devido respeito; em consequência dele, perdeu

uma das vistas e ficou com a outra fortemente comprometida. Não se deixou abater, prosseguiu sua luta. Com o passar dos anos, porém, o mal ia-lhe minando o organismo. Ultimamente podia-se-lhe notar alguma alteração de humor, alguma mudança de gênio. Desse período há um poema decididamente amargo, intitulado “Despedida”: “Novos amigos, não quero. / Nem primos, nem descendentes. / Amizade requer provas / na longa extensão dos dias. / Quanto aos netos de meus netos, / sequer ouvirão de mim. // Quero empedrar-me onde estou, / enraizar-me aqui mesmo. / Como alcançarei o cerne / de outras terras, de outras gentes, / se um relógio fatigado / em minhas córneas põe fim? // Novos compêndios, pra quê? / Alfarrábios, muito menos. / Virgens metáforas se perdem, / no crepúsculo definham. / Amigos, filhos, cenários, / adeus, para nunca mais.” Amigavelmente interpelado por Ronaldo Cagiano, confessou-lhe que sentia aproximar-se o fim de sua jornada.

Foi-se o poeta, ao cabo de uma temporada de dois meses de hospital. Legou-nos, contudo, a magia de um verbo encantatório, de um lirismo telúrico e cósmico, de suave misticismo e, contudo, de violenta denúncia das misérias do homem. Esse legado se manifesta num punhado de livros, todos de elevada feitura poética, publicados entre 1976 e 2004, no Rio, em Brasília e nos Estados Unidos, onde morou por algum tempo: *Cantares*, *O Grito Submerso*, *Casulos do Silêncio*, *Soberanas Mitologias* e *A Cidade do Medo*, *Luta A(r)mada*, *Flagrantes Líricos*, *Pluricanto – Trinta Anos de Poesia*, *Canção ao Filho do Homem*, *Tempo de Ceifar*, *50 Poemas Escolhidos pelo Autor*, *Antologia Pessoal*. O reconhecimento desse labor de eleição está nos inúmeros pronunciamentos da crítica mais qualificada, nas diversas premiações, na inclusão em conceituadas antologias – no Brasil e no exterior.



Joanyr de Oliveira

Divulgação

Estou certo de que permanecerá em nossa memória cultural – se bem reconheça que uma espécie de obtusa amnésia ronda os meios que deveriam mantê-la viva. Brasília, especialmente, lhe deve isso. Foi um dos maiores cantores da cidade, e seguramente quem mais contribuiu para difundir a poesia que nela e em torno dela se tem produzido.

Mas também acredito que agora pouco lhe importem a glória e outras circunstâncias. Libertou-se. Como diz num poema, “Pássaro Etéreo”, dedicado a outro poeta extraordinário, José Santiago Naud: “Desobrigado enfim / de ossos, cartilagens, / entranhas, epiderme / (abominável fardo), / no triunfal enlace / além do pensamento, / o homem, pássaro etéreo, / abarca os universos / e sole-se se insere / no sagrado infinito.”

Estas ruas, negro prisioneiro, não me fazem livre. As gaiotas buscam a paz do azul, pombos flutuam, mas cadeias em meus pulsos sangram o rosto da manhã inútil.

### POEMA DE JOANYR DE OLIVEIRA

#### NELSON MANDELA

As velhas mordanças em tua voz afogam minhas melhores palavras. Faz frio em mim, negro prisioneiro: estou a beijar tua história em brancas mãos sufocantes.

Não estou hoje para a Primavera nem para as luzes e os anjos. Sou um poeta de sangue e nervos e a liberdade é minha sede.

Não estou para a antiga brisa, estou sim para as ventanias. Estou para os abismos à espreita de punhos liberticidas.

Nelson Mandela, converso contigo do coração de um pássaro em chamas. Chego ao fundo de teu silêncio no âmago desta noite indignada.

(Poema escrito em Boston, em 1988, três anos antes da libertação de N.M.)

**Anderson Braga Horta é escritor, crítico literário e membro da Academia Brasiliense de Letras.**

## Um Minuto de Reflexão e Silêncio

Aproveitamos a primeira edição de 2010 para fazer uma reflexão sobre as tragédias que vêm abalando o Planeta como terremotos, enchentes, queimadas, calor e neve excessivos.

O que poderemos fazer para salvar o nosso Planeta? Ficar de braços cruzados não resolve nada. Com pequenos gestos e ações poderemos suavizar os impactos que agridem o meio ambiente e o ser humano.

Esperar por medidas efetivas dos governos de todas as nações não basta. Temos que cobrar de nossos governantes Leis que amenizem a poluição, os danos que causam o efeito estufa, entre outras medidas urgentes.

Vamos trabalhar por uma melhor conscientização. Economizar água, luz, não jogar plásticos, latas e outros materiais nas ruas, lagos e rios, diminuir o uso de *sprays*, economizar combustíveis usando transportes menos poluentes, entre outras medidas que tanto degradam. Poderemos, assim, contribuir para amenizar e ajudar o nosso Planeta.

Os animais têm grande importância na cadeia produtiva. Amar e cuidar dos animais e do verde é essencial para não interromper a cadeia que alimenta e mantém o nosso planeta vivo. E a água é essencial para a sobrevivência das espécies vivas.

Vamos cobrar mais Educação e Cultura para se combater a violência e mudar o destino das nossas crianças. Assim poderemos conscientizar os homens e construir um mundo melhor para se viver.

*Linguagem Viva* também se solidariza à população do Haiti, vítimas do terremoto que destruiu a Capital matando cerca de cem mil pessoas, e com os povos de todas as nações que foram vitimados por alguma tragédia.

Deixamos nossa manifestação e pesar aos familiares de Zilda Arns, que faleceu recentemente no Haiti. Falar do seu trabalho em prol do ser humano seria redundante. Então o que nos resta fazer é um minuto de silêncio.

## OS 20 ANOS DO LV

**Fernandes Neto**



A comemoração dos 20 anos do *Linguagem Viva* constituiu, por si, um evento extraordinário. Resultado da obstinação de Rosani Abou Adal e de Adriano Nogueira (este falecido em 2004), o jornal ultrapassa duas décadas assinalando notável vitória, num campo muito conhecido pela pequena e instável existência de publicações destinadas à literatura e às manifestações escritas em geral.

Como tantos outros, acompanhado, desde o início, a saga do *Linguagem Viva*. Rosani comanda de sua casa, nas horas que deveriam ser de lazer, toda a sua elaboração, desde a captação das matérias ao envio para a publicação, em tudo colocando o seu empenho especial. Uma dedicação incomparável.

Hoje, podemos dizer que o LV e Rosani são a mesma realidade. Um não existe sem o outro.

É importante lembrar outro ator em cena que precisa ter seu papel ressaltado. Reporto-me ao jornalista Evaldo Vicente, diretor de *A Tribuna Piracicabana*, empresa jornalística de Piracicaba, que publica o *Linguagem Viva* desde o seu primeiro número.

Conheci Evaldo através do saudoso e querido João Chiarini. Ele é o lídimo representante do bom jornalismo que se pratica no interior de São Paulo. Seu apoio a um projeto cultural e literário é decorrência da visão esclarecida e moderna que Evaldo Vicente tem da função precípua da imprensa. Ocorreu, no caso, uma coincidência admirável de objetivos e de propósitos.

Parece mais do que justo que se reconheça nas merecidas homenagens que se prestam a Rosani, Adriano e *Linguagem Viva* o extraordinário apoio da *Tribuna Piracicabana*, representado na figura paradigmática do jornalista Evaldo Vicente. Abrangida nessa homenagem a imprensa do interior comprometida com o jornalismo sério, vigilante e independente como o da *Tribuna Piracicabana*.

Louvável, portanto, a homenagem relatada na edição do LV de Novembro último. Foi realizada no SESC Piracicaba, com a participação do Clube Literário de Piracicaba, Grupo Oficina Literária de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras.

Essa parceria exitosa deve ser vista como estímulo a muitos outros jornalistas e escritores que sonham

com iniciativas ligadas ao universo cultural e literário.

E deve, também, ser analisada pelos empresários do setor, editores e livreiros, que sempre se mostram receosos de investir em publicações do gênero sob a alegação de que elas têm curta duração.

O atestado de longevidade do LV pode sensibilizar alguns editores e livreiros, levando-os a investir num órgão que divulga os autores e os livros e, por extensão, as editoras e livrarias. Esse gesto possibilitaria rápida expansão, do ponto de vista de espaço como de tiragem.

Se tal viesse a ocorrer, todos ganhariam.

Estariam criadas as condições para a consolidação e ampliação de um projeto já provado em meio a tantos obstáculos. E tantos outros poderiam aparecer e prosperar, multiplicando o espaço destinado à cultura.

É preciso considerar que a seara cultural-literária esteve historicamente presa a preconceitos, mitos e falsas conclusões, que o tempo vai, aos poucos, desfazendo.

Experiências e pesquisas feitas em lugares diferentes comprovam que o interesse pela leitura, no Brasil, é muito maior do que se imagina.

O que não há no País é uma política nacional de investimentos no setor, capaz de mobilizar a divulgação do livro e o gosto pela leitura, na escola, no trabalho, no clube.

É preciso, por exemplo, envolver o esporte nesse esforço, mediante parcerias que estimulem o interesse pela cultura e pela literatura, não como movimentos restritos, estanques, mas como partes de um grande projeto.

Desde logo, fica evidenciado o trabalho a ser reservado à imprensa do interior, que ainda mantém acesa a chama do compromisso comunitário, de que é exemplo vivo a *Tribuna Piracicabana*!

**Fernandes Neto é escritor, jornalista e membro da União Brasileira de Escritores.**



### Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 54,00

Assinatura Semestral: R\$ 27,00

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Cidade: \_\_\_\_\_

Estado: \_\_\_\_\_ Tel.: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902  
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392  
E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

### LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: [www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: [linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*  
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - [www.xavi.com.br](http://www.xavi.com.br)

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

## Voando, primeiro, com Santos Dumont

### Henrique Novak

Poucas horas antes de cometer suicídio, em 23 de julho de 1932, no Grande Hotel, no Guarujá, (São Paulo), Alberto Santos Dumont, em conversa com Edu Chaves, seu amigo e aviador consagrado, lamentava-se do uso que se fazia da aviação como instrumento de guerra. Especialmente, naquele ano os paulistas desafiaram o governo federal deflagrando a Revolução Constitucionalista e os aviões tiveram papel decisivo nos rumos dessa importante guerra civil brasileira. “Inventei uma desgraça”, comentou Dumont, bastante abalado, naquele dia, antes de despedir-se do amigo. Em seguida, como escreve Cápua:

“Santos Dumont fecha-se em seus aposentos. Pouco antes da hora do almoço, a funcionária do hotel, aos gritos, informa à gerência que o hóspede do 152 cometera suicídio. As autoridades policiais, vindas de Santos, chegam ao Guarujá, chefiados pelo delegado Raimundo de Menezes que constata a morte por enforcamento”.

Extraímos esse trecho do livro “Santos Dumont – Domador do Espaço”, de autoria do escritor, jornalista e poeta – e também aviador – Cláudio de Cápua, cujo lançamento aconteceu em dezembro do ano passado, em Santos (SP). O autor, que já conta em seu currículo de intelectual, estudos biográficos sobre Paulo Setúbal, Judas Isgorogota, José Bonifácio, Machado de Assis e Plínio Salgado, além de ensaio sobre o fim da aplicação dos castigos com chibata na Marinha brasileira além de incursões marcantes no campo da trova, enfrentou agora a difícil missão de contar a trajetória do chamado “pai da aviação” considerando que a vida e os inventos de Dumont já foram descritos e estudados em várias obras de uma bibliografia sobre o assunto que vai se ampliando, cada vez mais.

O livro de Cláudio de Cápua tem, no entanto, uma singularidade. Não obstante trazer uma série de informações novas, valiosas e mesmo surpreendentes sobre a curiosa e intensa vida de Dumont, e o desenrolar da biografia obedecer a um direcionamento linear e se manter fiel ao percurso histórico dos acontecimentos que mais marcaram a vida, os sucessos e também os fracassos de

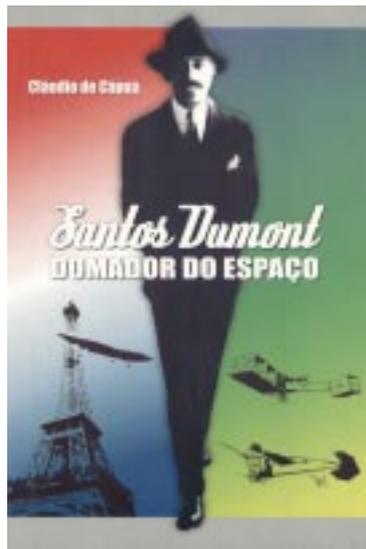
Dumont, Cápua preferiu realizar uma obra de ampla divulgação, de mais fácil acesso e capaz de interessar um maior número de pessoas. E conseguiu fazê-lo de modo especialmente feliz tornando a leitura uma viagem serena e agradável – um vôo de brigadeiro – através das páginas de seu novo livro.

Prova do acerto do autor em procurar uma trilha narrativa amena e descontraída, está na quantidade de público interessado que afliu às sessões de lançamento que vem realizando com o livro. No entanto, não quer dizer que se trata de um estudo superficial. Pelo contrário. O mérito do autor está em ter conseguido uma síntese feliz e através de um texto de leitura atraente e envolvente, contar toda a história de uma vida inspirada e criativa e torná-la cativante e lucrativa para o leitor que se enriquece com a variedade e qualidade das informações.

Cláudio de Cápua consegue com seu livro, realizar a proeza de renovar e avivar o interesse pela vida e obra do brasileiro que realizou o sonho de Ícaro e deu asas ao homem, mudando a história da humanidade, para sempre. Volume de poucas páginas, porém rico em informações e detalhes biográficos e históricos, além de documentar o texto com farto e interessante documentário fotográfico, o novo estudo biográfico, principalmente, justifica, reafirma e fortalece a primazia de Dumont no invento do avião e a realização do primeiro vôo.

Completando a biografia, como texto adicional, o autor registra as proezas de nossas aviadoras pioneiras, como Ada Rogatto, que realizou um *raid* de mais de seis meses pelas três Américas; Anésia Pinheiro Machado, a primeira aviadora a pousar em solo santista, mais especificamente na praia do Gonzaga e Thereza de Marzo, a primeira brasileira a tirar brevê pelo Aeroclub do Brasil.

Henrique Novak, presidente do Centro de Estudos Euclides da Cunha de S.Paulo e ex-editor da Página do Livro, do Diário Popular (SP).



## O OLHAR QUE TUDO PERCEBE

### César Leal

O escritor Fábio Lucas, que durante muitos anos tem ocupado cátedras, como professor visitante, em algumas das mais famosas universidades norte-americanas, ensaísta que tem se destacado por um trabalho amplamente consolidado pelas melhores mentes no país e no exterior, veio à Feira Internacional do Livro, à convite da Editora Calibán, do Rio de Janeiro, lançar o seu livro *Poliedro da crítica*. Sem participação oficial na política, condição essencial aos interesses da mídia no Recife, Fábio Lucas falou para um pequeno grupo de jovens, em local pouco apropriado a um autor de sua envergadura intelectual. A seguir, no Café Literário, tivemos a oportunidade, com os dirigentes da Calibán – Karla Melo e Patrícia Tenório - de conversar com ele. Admirou-se de que não tivesse observado na Feira nada sobre dois autores pernambucanos que ele considera importantíssimos: o filósofo e teórico do cinema e da arquitetura Evaldo Coutinho e o poeta Joaquim Cardozo, apesar de ser o seu nome, também, o da Biblioteca do Centro de Artes e Comunicação da UFPE.

Depois de algumas palavras sobre Joaquim Cardozo, cuja obra ele conhecesse, preferi fazer alguns comentários sobre o nosso filósofo, que se queixava de não ser conhecido no Recife nem mesmo pelos demais moradores do edifício onde ele residia na Av. Boa Viagem. Disse-lhe que se indagássemos a Evaldo Coutinho como se poderia comunicar o sentido de sua obra filosófica – e tendo em vista nessa pergunta o modo de ver e contemplar o ser e sua dissolução – ele responderia que a questão do *ver e perceber* ocupou todo o tempo de sua existência desperta. Tal posição nos revela a intenção de Evaldo Coutinho de preencher um espaço até então vazio no pensamento contemporâneo.

Desde que o trem da filosofia passou a deslizar sobre trilhos da modernidade, a partir do século XVIII, com Kant, Hegel, Marx, Kierkegaard, e os velhos pragmatistas do Clube Metafísico de Boston, tendo como núcleo gerador de idéias a Universidade de Harvard, não se observa em nenhum desses grandes filósofos uma preocupação tão densa com o poder do olhar sobre o ser quanto a de Evaldo Coutinho. Armado de uma lente poderosa, ele **olha** o ser e entende como se processa sua inapelável **dissolução**. Os filósofos da atualidade, entre os quais Wittgenstein, Popper, Derrida recentemente afastado pela morte do debate entre o alemão Habermas e o norte-americano Richard Rorty, também não se preocuparam com essa questão, em que Evaldo Coutinho faz descer às mais abissais profundezas o poder analítico da olhar. Fábio Lucas disse-me ser impressionante os cinco volumes que ele publicou pela Editora *Perspectiva*. Continuando, disse-lhe que ao lembrar esses grandes nomes, - em particular Habermas e Rorty - não esqueço esse brasileiro que viveu sem fama, e todavia criador de uma filosofia de espantosa originalidade. Goethe julgava que há uma lei no Universo que preserva tudo o que o homem cria e tem valor, mesmo que esse objeto passe sem ser notado ao olhar que “vê” mas não “percebe”, até mesmo na Feiras de Livro, que é um acontecimento mais de editores e “guardas de São dessas empresas. “Essa *visão armada*, existenciadora, constitui um dos núcleos mais fortes do pensamento filosófico-poético de Evaldo Coutinho”, disse-me Fábio Lucas. Após o jantar, oferecido pela *Calibán*, Fábio Lucas tomou o seu avião de volta a São Paulo.

César Leal é poeta e crítico de poesia. cleal@nlink.com.br

**LIVRARIA BRANDÃO**

Comram-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)  
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l  
oldbook@terra.com.br - www.lbusedbookshop.com.br



# A ESCRITA E A NEVE

## Beatriz Amaral

*“Havia o bairro, que na verdade começava no Arpoador, crescia, internamente, a partir da Praça General Osório, avançava pela Visconde de Pirajá, chegava até a Lagoa Rodrigo de Freitas e terminava no Bar Vinte, logo depois do Cine Astória, onde o bonde e o vento faziam a curva.*

*Algumas ruas ainda eram de terra. A Nascimento e Silva era asfaltada, mas só a partir da Farne de Amoedo.”*

(KONDER, RODOLFO, *As areias de ontem, O DESTINO E A NEVE*, p.109)

A leitura do recém-lançado **O DESTINO E A NEVE** (RG Editores, dezembro/2009, 111p.), do escritor e jornalista Rodolfo Konder é reveladora de um belo movimento de transmigração entre viagem, escrita, linguagem e destino, em toda a amplitude que o título sugere. Verbo, palavra, escritura e memória tecem o fio condutor das trinta e quatro narrativas breves em que fatos históricos, reflexões e lúcidas ponderações se mesclam e constroem uma sintaxe verdadeiramente singular.

Das crônicas selecionadas por Konder para este volume transborda o alto teor de literariedade que frequentemente imprime às suas obras. Há o elemento autobiográfico forjando as conexões entre o texto e a vida. Conjugam-se a estes aspectos a visão histórica de um intelectual ativo, combatente, sempre alerta, que, diante de adversidades, dois exílios, prisões e até mesmo diante da experiência dilaceradora da tortura, soube manter a lucidez, o humor, enquanto desenvolvia e depurava o estilo e se transformava no escritor premiado de hoje.

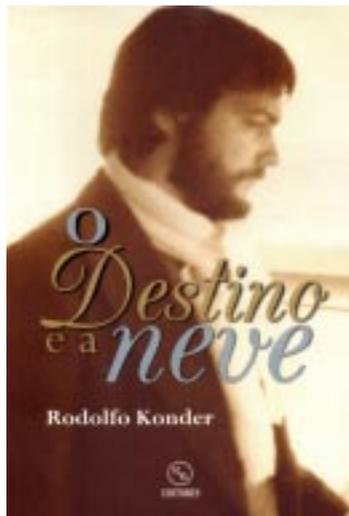
A múltipla experiência profissional do autor (jornalista, redator e editor internacional de vários órgãos de imprensa, tradutor, ativista político,

professor universitário, editor e apresentador do Jornal da TV Cultura, Secretário Municipal de Cultura de São Paulo (por oito anos, em duas profícuas gestões), Dirigente da Anistia Internacional – Seção Brasileira (de que foi um dos fundadores), hoje Membro do Conselho Municipal de Educação e Dirigente da Representação da ABI – Associação Brasileira de Imprensa em São Paulo) e sua especial sensibilidade na avaliação dos temas e na construção do texto são credenciais que tornam **O DESTINO E A NEVE** (1) uma leitura imprescindível para todos os que se interessam por refletir sobre as mais relevantes questões do século vinte e do início do terceiro milênio, entre os quais a proteção aos direitos humanos, a liberdade de convicção religiosa, o esfacelamento das utopias, a pluralidade, o desmoroamento dos governos totalitários, o intransigente combate à tortura e a todas as formas de violência, o combate a todas as modalidades de censura, e a defesa da liberdade de imprensa.

A mera enunciação de alguns dos temas eleitos por Rodolfo Konder em seu novo livro já revela a abrangência desta viagem textual: as crônicas tangenciam questões jurídicas, sociológicas, políticas, e, sobretudo, éticas, sempre proporcionando uma leitura prazerosa, em que os diversos fatos históricos são lembrados e revisitados pelo fio da memória reflexiva. Considerado um dos mestres da crônica, Konder consegue seduzir o leitor, oferecendo-lhe, neste livro, um panorama complexo de cultura erigido pelo encantamento literário. A cada página, o leitor é implicitamente convidado a viajar com

o cronista pelo tempo e pelo espaço, até mesmo “de volta” para o futuro, subvertendo a linearidade do discurso e expandindo, na inteligente leitura política do mundo, as fronteiras do pensamento.

Influenciado pelo “new journalism” americano, Konder começou a escrever as primeiras obras em meados da década de setenta, no Canadá e nos Estados Unidos, países em que esteve exilado. Daquele momento até hoje, seguiram-se mais de vinte publicações, além de colaborações com jornais e revistas. Sua trajetória alquímica exigiu a transposição de surpresas e a abertura das mais significativas portas e frestas da contemporaneidade. Iluminando a paisagem visível da história, **O DESTINO E A NEVE** introduz o leitor num exercício permanente de reflexão e



o exorta a uma vibrante navegação em defesa da liberdade.

Conforme as palavras do próprio Konder (2) *A liberdade é um exercício permanente, no cotidiano, na política, no jornalismo – e até no convívio com arte, como ensinava André Breton: ‘A razão e a lógica frequentemente nos castram. A arte nos liberta’.* (Revista Germina, entrevista, dez.2009).

(1) KONDER, Rodolfo. *O DESTINO E A NEVE*, RG Editores, 111 páginas, editora: (011) 3105-1743.

(2) [www.germinaliteratura.com.br/2009/pcruzadas\\_rodolfokonder\\_dez2009.htm](http://www.germinaliteratura.com.br/2009/pcruzadas_rodolfokonder_dez2009.htm)

**Beatriz Helena Ramos Amaral é escritora, Mestre em Literatura e Crítica Literária (PUC-SP) e Procuradora de Justiça do Ministério Público de São Paulo.**

## DESEJO

**Giselda Penteado Di Guglielmo**

Guardião  
dos tesouros ocultos  
onipotência adormecida  
eixo do destino:  
assim te vejo  
quando o silêncio  
sai  
de seus guardados  
e me deixa sorver  
o ar  
com seu cheiro  
de lembrança  
e beber  
na tua boca  
sem mordida  
a essência impetuosa  
do desejo.

**Giselda Penteado Di Guglielmo é escritora, poeta e diretora da União Brasileira de Escritores.**

## Partida

**Marta Gonçalves**

Vi a morte azul  
Vi a-orquídea pendurada  
Na árvore. Vou deixar a casa,  
Os livros, as pinturas do meu pai,  
O computador, roupas no armário,  
Cd musicando a alma.

Não me deixe ir nem a terra  
Cobrir o rosto.  
Espero encontrar  
O menino louro, que criei  
No imaginário.

**Marta Gonçalves é escritora e poeta, de Juiz de Fora (MG).**

## Débora Novaes de Castro

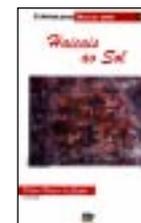
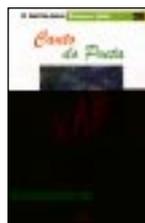


**Poemas:** GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO – COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA.

**Haicais:** SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS

**Trovas:** DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO.

**Poemas Devocionais:** UM VASO NOVO...



**Poemas:** II Antologia-2008  
CANTO DO POETA - novo  
**Trovas:** II Antologia-2008  
ESPIRAL DE TROVAS - novo  
**Haicais:** II Antologia-2008  
HAICAIS AO SOL - novo

**Opções de compra: Loja virtual TodaCultura: [www.todacultura.com.br](http://www.todacultura.com.br)**  
via telefax: (11) 5031-5463 - E-mail: [debora\\_nc@uol.com.br](mailto:debora_nc@uol.com.br)  
Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040 .



## O Menino de Massangana



**Sonia Sales**

Cem anos sem Joaquim Nabuco, o herói da Abolição da escravatura no Brasil!

A 17 de janeiro de 1910, vai-se o grande brasileiro, morto como embaixador em Washington. Com honras militares, dentro de um esquife de bronze, Nabuco é levado para a Igreja de Rhode Island para as últimas despedidas. Nas exéquias estão presentes além do Presidente Taft, embaixadores, ministros, militares e gente da sociedade, para honrarem aquele que com tanta dignidade representou o Brasil. O corpo embalsamado volta ao país no navio de Guerra norte americano, "North Caroline", que o traz para o Rio de Janeiro. O povo já está nas ruas para recebê-lo. É conduzido para o Palácio Monroe, onde os estandartes abolicionistas estão estendidos em sua homenagem. Depois de 4 dias, o corpo viaja para o Recife, sua terra tão amada; os seus concidadãos o esperam agrupados em todos os cantos da cidade, mas o grande orador está calado, não mais se ouvirá a sua voz vibrante. É conduzido enfim para o Cemitério da Redenção e Santo Amaro.

A cidade para, o povo chora.

Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araujo, com um metro e oitenta e seis, porte atlético, muito claro, nariz afilado, mais parecia um europeu. Considerado o mais belo homem do Império e o mais galante embaixador da República, nasceu em 19 de Agosto de 1849. Seu pai, José Thomaz Nabuco de Araujo, era um dos mais eminentes estadistas da sua época: deputado, senador, presidente de Província e principalmente defensor das causas nobres; sua mãe D Ana Benigna pertencia à ilustre família pernambucana descendente dos Morgado do Cabo.

Joaquim Nabuco nasceu no Recife e foi batizado no Engenho de Massangana, recebendo o nome do padrinho, como era uso na época. Tendo o pai que assumir a cadeira de deputado para a qual fora eleito e transferir-se para o Rio de Janeiro, numa longa e perigosa viagem de barco, preferiu deixá-lo aos cuidados de seu padrinho e de sua mulher D. Ana Rosa. O casal sem filhos tomou-se de amores pelo menino.

Quinquim como o chamavam, passou a morar com os padrinhos e lá envolto no amor de seus pais adotivos, formou o caráter e teve os primeiros contatos com a escravatura. Cresceu livre apegado à natureza e os primeiros companheiros de folguedos eram filhos de escravos. Sua verdadeira mãe, da qual sempre se lembraria com amor e gratidão, D. Ana Rosa.

Por oito anos Quinquim viveu no Engenho de Massangana, em terras do Município de Santo Agostinho.

*-Das recordações da minha infância a que eclipsa todas as outras é o amor que tive por aquela que me criou como filho, minha mdrinha" – assim escreve Nabuco em seu livro - Minha Formação.*

Em Massangana, ficando viúva, amiga e benfeitora dos que a serviam, D. Ana Rosa era o centro de tudo, nho Quim como o chamavam os escravos era o senhor da casa grande. Ele reinava absoluto no coração da madrinha. E esse amor acompanhou-o por toda a vida, dando-lhe a segurança necessária para enfrentar os obstáculos que viriam.

A escravidão para ele, tinha o calor carinhosos do colo da escravas. Dormia com suas estórias e acordava com o seu amor.

Aos oito anos, com a morte de sua madrinha, foi levado para a casa dos pais no Rio de Janeiro, e lá estudou, no colégio Pedroll, tendo como mestre o Barão bávaro Herman Tautphoeus. Em seguida vai para a Faculdade de Direito em São Paulo, onde se distingue como orador, mas no quarto ano transfere-se para o Recife, então terceira cidade do Brasil, maior que São Paulo com mais de cem mil habitantes, onde conclui o curso. Em 28 de Novembro de 1870, forma-se em Ciências Sociais e Jurídicas.

Volta ao Engenho de Massangana, para visitar a capelinha de São Mateus onde D. Na Rosa estava sepultada e lá rezando chora abrindo a alma para aquela que considerava sua mãe. Dirige-se até ao cercado, local da sepultura dos escravos e recorda-se de cada um deles, seus rostos, seus nomes, sua humildade e naquele momento de solidão e saudade, com a lembrança daqueles que tanto o amaram, o drama da escravidão reflete-se em sua mente, fazendo com que o seu infortúnio e sofrimento, se desenhasse definitivamente em seu espírito, e ali, em sua Massangana, faz o juramento solene que os libertaria.

Assim o fez, renunciando a tudo o que pudesse afastá-lo da causa. Lutou contra todos os obstáculos, até conseguir realizar o maior dos seus sonhos: A promulgação da Lei nº3353, de 13 de maio de 1888. A Lei área.

Está extinta a escravidão no Brasil!

**Sonia Sales é membro titular da Academia Carioca de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN Clube do Brasil e da Sociedade Eça de Queiroz.**

## A REFORMA

**Caio Porfírio Carneiro**

- Pois volte só depois da reforma.  
- Não precisa de reforma.  
- Esta casa está imunda e caindo. Falei um milhão de vezes. Envergonha até os vizinhos.

Sentia um aperto no peito.

- Não vou suportar.

- Procure outro lugar.

Preferiu assoviar baixinho. Mãos nos bolsos das calças saiu por aí. Ruas desertas, poucos carros, poucas pessoas. O céu azulado e a reforma de permeio.

Tomou um ônibus qualquer. Alguns passageiros. Sentou-se, sem se aperceber, ao lado de um padre. Crucifixo enorme no peito. Cumprimentou-o e afligiu-se com a própria observação:

- Para que a batina e o crucifixo enorme no peito?

Os olhos piedosos e fuzilantes voltaram-se para ele:

- O senhor não é religioso?

- Deixa pra lá.

Deu sinal e desceu, a reforma da casa de permeio.

A mulher faceira passou e ele lhe abriu um sorriso de gentileza. Ela inclinou a cabeça, agradecida. Quis iniciar um diálogo, mas a reforma surgiu de permeio.

Retornou a pé, sem se dar conta disto. Suado, estropiado, quase sem respirar, entrou na rua e viu, pela primeira vez, que a casa estava tão cheia de manchas e a pintura tão indefinida que parecia encolhida entre as vizinhas.

Entrou, sentou-se, estirou as pernas, fechou os olhos. Ela aproximou-se:

- Pensei que não voltasse.

- É

- Pois a reforma vai começar logo.

Já tratei de tudo. E com o meu dinheiro, você sabe.

Olhou a pintura com estrias de velhice, porta e janela de madeira carcomida.

Em breve estaria transplantado do seu mundo para um outro diferente. Suspirou:

- Que pena.

A mulher faceira inclinou a cabeça, cumprimentando-o. A cruz enorme no peito do padre postou-se diante das estrias da parede em frente, que desciam ao longo dela, como os filetes que começavam a descer dos próprios olhos.

**Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.**

## Vestibular & Concursos

**Sonia Adal da Costa**



Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. [portsonia@ig.com.br](mailto:portsonia@ig.com.br)



**Amigos dos Bichos do CCZ**

**Os Animais Agradecem.**

**Seja um voluntário ou adote um bichinho no CCZ.**

[www.amigosdoccz.com.br](http://www.amigosdoccz.com.br)

## GILSON CHAGAS, LETRA E MÚSICA

### Francisco Miguel de Moura

Acabo de ler “Música para pensar”, o novo livro de Gilson Chagas. Com esse autor, venho mantendo contato desde sua estreia, um livro de poemas. Achei na sua poesia muito mais a veia de compositor que a de simples poeta, o que não é pouco, e merece louvor. Gostei imenso do seu primeiro romance, o “A ferro e fogo”, onde o autor se busca no estágio da vida de adolescente e estudante, crônica meio desbragada, ágil e condizente com o seu desenvolvimento humano e social. Sobre ele escrevi dois artigos. Gilson Chagas, agora surpreende em muitos pontos. Em “Música para pensar”, ressaltados os arroubos de discursos atribuídos a dois ou três personagens (frases e vocábulos da língua comum reinventados, no que se aproxima um tanto de Fontes Ibiapina), o autor construiu uma história com personagens similarmente reais, tipos pitorescos, num estilo sardônico e bem humorado, o que facilita em muito a aceitação do grande público. Essas meias-vozes de personagens aturdidos com a crueza do mundo, e mesmo assim sonhadores, não deixam de ser também a voz do romancista, que, diferentemente dos demais, consegue ter vários alteregos, um tanto de criatividade e beleza a ressaltar na sua criação. Eis a estrutura estilística de “Música para pensar”, em poucas palavras, na minha percepção.

Uns poucos teóricos poderão torcer a cara ante tal afirmação – isto de o autor estar na pele da maioria de seus personagens, quando a obra pode ser classificada de neorealista. Mas é até bom que assim seja. O romance moderno é todo centrado no autor, queiram ou não os teóricos passadistas. É sempre psicológico. Não há mais realismo como antigamente. As obras modernas e pós-modernas parecem mais autênticas do que as do classicismo. Aliás, os grandes romances terminam sendo mesmo os autobiográficos ou memorialísticos. Como são o D. Quixote, Madame Bovary, os de León Tolstói (com sua nova filosofia) e os

de Dostoiévski (com seu existencialismo), em cada um o forte acento de personalidade. Não se queira colocar Gilson Chagas na família de Machado de Assis e Graciliano Ramos. Mais bem compreensível colocá-lo entre Jorge Amado (em algumas de suas obras), Gabriel García Márquez e Saramago.

Quanto ao enredo, o leitor que descubra: um Joca cheio de sonhos e depois desiludido (um vencedor-vencido); um Zé Luís pleno de compromettimentos com o poder, coisa que começa explorar logo no seu tempo de estudante; uma Medinha, guerrilheira fracassada na sua inclinação para dirigir e ficar do lado errado (como diria o direitista Boa Sorte); um Josafá, o engº do Deptº d Estradas etc. Não é que a história de “Música para pensar” comova. Comove pelo lado errado: a sátira. Mas comover não foi o objetivo do autor, conforme expressa bem o título. Mas certamente fará muito leitor dar voltas ao seu modo de ser, pensar e agir, ora sendo vencido pela realidade – ou o que assim se apresenta como tal – ora, continuando a sonhar mesmo depois de tantas derrotas como a do Joca, um cantor latino americano cujo fracasso é o seu próprio sucesso.

Com o propósito de terminar pelo assunto música, visto que “Música para pensar”, é representativo da popularidade que nossas canções alcançaram – parafraseio Belchior, nos seguintes versos: “Não me peça que eu lhe faça uma canção como se deve (...) Sou apenas um rapaz latino-americano”. Gilson Chagas, você com o seu Joca e eu com o meu D. Xicote, somos os jocas e d. xicotes da vida, como tantos outros. Pois toda obra de arte verdadeira é uma catarse. E essa catarse que estamos sempre a realizar torna o mundo mais humano. Portanto, parabéns pela sua vitória. E parabéns à Editora Saramandaia, que promete ser a editora deste milênio, com obras tão bem realizadas quanto a sua.

Francisco Miguel de Moura é escritor e membro da Academia Piauiense de Letras.

## Balada de Amor A uma amiga

### João Abujamra

Ao longo dos caminhos percorridos, neste sereno entardecer, subi vales, montanhas, palmilhei planícies, busquei o subsolo, em busca da eterna amiga que sabia, nascera comigo, caminhara comigo, e s seria aquela que eu diria:

“Espere sempre por mim. Não tenha pressa” .

Esta sim, a minha amiga. Cimento e ferro, maltrataram-na. Milhões e milhões de pessoas pisam-na minuto a minuto. Ela é eterna. Abriga a todos. Não protesta.

Esta sim minha grande amiga.

Aquela que não trai minhas renovadas esperanças nem tenta amoldar meus sonhos. Sabe que a ela eu chegarei.

Esta sim, a minha amiga.

Aquela que, quando a ferimos, rasgando o seu seio com o arado ou escavando o seu coração com a enxada, sorri, meiga, generosa nas safras e faz florir os canteiros e crescer as árvores que dão sombra, flor e fruto.

Quando magoada, resseca a mágoa dos meus irmãos do Norte/Nordeste, como que lembrando-lhes que merece trato melhor, que também tem sede. E quando se vê incompreendida, revolta-se e solicita torrentes de tempestades no Sul e leva de roldão tudo o que se lhe antepõe.

Esta, a minha amiga.

A minha grande amiga.

Amiga sempre certa, sempre piedosa no seu amor. E eu, olhando o horizonte dos meus sonhos, passo a amá-la profundamente, com amor de filho enamorado.

Amo-a nas flores, nos nós que a vida dá, nos mares e praias solitárias, nas matas verdejantes, nas montanhas e nos seus mais altos picos, onde ser algum alcançou, a não ser nos sonhos inatingíveis.

Sei que ela me ama, com extremo carinho e com profunda ternura. Espera-me como alguém espera pelo primeiro amor.

Ela me Ama até com piedade, com caridade.

Chegara o dia em que retornarei ao seu aconchego, mansamente.

Afundarei minha alma na sua alma.

O meu sangue, na seiva bruta que nela existe e que me absorverá.

Sei, sim, eu sei que ela haverá de me dizer:

“- Você voltou, meu amado?”

E eu lhe direi:

“- Sim, amada minha, amiga minha, tardei muito, mas voltei, para sempre.”

E ouvirei, então, junto ao meu o bater do seu coração.

Esta, a minha amiga. A que me cobrirá de amor. A terra Brasileira.

João Abujamra é escritor, poeta, contabilista e político.

## Mensagem Recebida

Gostaria de enviar meus parabéns ao jornal LINGUAGEM VIVA por estes 20 anos de luta em prol da literatura brasileira. A sua luta tem sido incessante. Depois que o JORNAL DAS LETRAS cessou suas atividades, ficamos somente com o LV. Apreciei a edição especial – colorida, com lindas mensagens de apoio e incentivo. Também a edição de outubro, com a continuação das mensagens recebidas.

Na edição de setembro, fala que na Homenagem ao jornal, no SESC em Piracicaba, seria prestada uma homenagem ao grande Adriano Nogueira, no dia 31 de outubro. Deverá sair na edição de dezembro.

Eu devo muito àquele grande amigo, que registrou meus escritos até nos jornais de Piracicaba. Senti muito a morte dele, o que enviei minha mensagem, na época do seu passamento, e que a ilustre jornalista registrou no Linguagem Viva, - numa edição especial sobre aquele grande arauto de nossas letras.

Israel Lopes é escritor e pesquisador de São Borja (RS).

LINGUAGEM VIVA

Comunicamos que a Caixa Postal 10.036 - São Paulo - SP - 03014-970 foi cancelada. As correspondências deverão ser enviadas para Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000.

Profª. Sonia Adal da Costa

Digitação

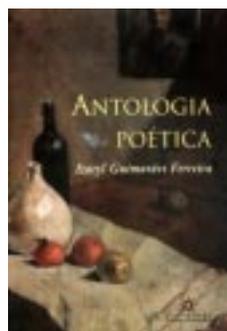
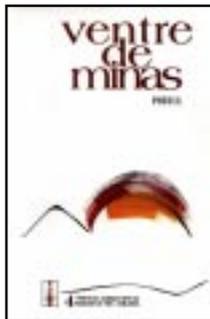
Revisão

Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

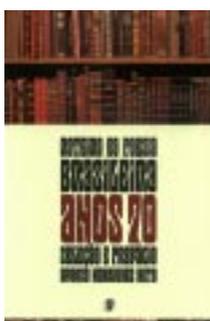
## Lançamentos & Livros

**Ventre de Minas**, poesias de Gabriel Bicalho, J. B. Donadon-Leal, Andreia Donadon-Leal e J. S. Ferreira, Aldrava Letras e Artes, Mariana, MG, 124 páginas. A obra reúne quatro poetas aldravistas do *Jornal Aldrava Cultural*. A capa é de Deia Leal - Pós-graduada em Artes Visuais, Cultura & Ciração Poética -, o projeto gráfico de Gabriel Bicalho - fundador e Presidente da Associação Aldrava de Letras e Artes -, e a apresentação é J. B. Donadon Leal - Pós-Doutor em Análise do Discurso pela UFMG. Aldrava Letras e Artes: Caixa Postal, 36 - Mariana - MG - 35420-[www.jornalaldrava.com.br](http://www.jornalaldrava.com.br)



**Antologia Poética**, de Izacyl Guimarães Ferreira, Top Books, 262 páginas, Rio de Janeiro, R\$ 35,00. O premiado poeta Izacyl Guimarães Ferreira, presidente do Conselho Consultivo da UBE, lançou uma antologia poética da sua obra, reunindo poemas na sua maioria escolhidos por leitores e críticos. As Orelhas são de Ivan Junqueira e a apresentação de Alberto da Costa e Silva. O autor presenteou a UBE com exemplares da obra, cujo destino da venda ficará para a entidade. **UBE:** Tels.: (11) 3231-4447 e 3231-3669. [secretaria@ube.org.br](mailto:secretaria@ube.org.br) Rua Rego Freitas, 454 - cj. 121 - São Paulo - SP - 01220-010.

**Roteiro da Poesia Brasileira Anos 70**, seleção e prefácio de Afonso Henriques Neto, direção de Edla van Steen, Global Editora, São Paulo, 250 páginas. Participam da antologia os poetas Aricy Curvello, Dora Ferreira da Silva, Reynaldo Valinho Alvarez, Olga Savary, Miguel Jorge, Anderson Braga Horta, Adélia Prado, Cláudio Mello e Souza, Astrid Cabral, João Carlos Teixeira Gomes, Maria da Paz Ribeiro Dantas, Elisabeth Veiga, Ruy Espinheira Filho, Waly Salamão, Eudoro Augusto, Moacyr Cirne, Ronaldo Werneck, Duda Machado, Paulo Leminski, Afonso Henriques Neto, Carlos Lima, Adão Ventura, Tanussi Cardoso, Marcio Tavares d'Amaral, Charles, Alcides Buss, Ronaldo Santos, Terêza Tenório, Bernardo Vilhena, Lucila Nogueira, Pedro Paulo de Sena Madureira, Chacal, Alex Polari, Rita Moutinho, Júlio Castañon Guimarães, Elizabeth Hazin, Ana Cristina César, Antonio Carlos Secchin, Geraldo Carneiro, Angela Melim, Antonio Barreto, Régis Bonvicino, Suzana Vargas, Claufe Rodrigues, Floriano Martins e Denise Emmer. **Global Editora:** [www.globaleditora.com.br](http://www.globaleditora.com.br)



**O Grito de Silêncio Ferido**, romance de Miguel Barbosa, Nova Vega Gabinete de Edições, Lisboa, Portugal, 116 páginas. A capa é de José Manuel Reis. O autor é escritor, prosador, poeta, dramaturgo e pintor. Segundo Jean-Paul Mestas, poeta, tradutor e crítico, "Miguel Barbosa, que não se deixa seduzir nem tentar pelas estéticas da moda ou cânones preconcebidos, dá em compensação, o sentimento de quem faz germinar as palavras com os gestos do sementeiro." **Nova Vega:** <http://www.novavega.pt>

### Indicador Profissional



**Genésio Pereira Filho**

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

## NEFELE: NUVEM-MULHER

Raquel Naveira

Os poetas simbolistas eram chamados de "nefelibatas". Essa palavra tem origem no mito greco-romano de "Nefele", nuvem mágica à qual Júpiter deu a forma da deusa Juno para enganar e punir Ixião.

Ixião foi rei dos lápitas, na Tessália. Após ter esposado Dia, filha do rei Deioneu, recusou ao soberano os ricos presentes que lhe havia prometido e acabou por matá-lo, lançando-o num fosso cheio de brasas. Culpado de perjúrio e sacrilégio por ter matado um parente, Ixião despertou o horror e o desprezo de todos. Júpiter, comovido com suas lamentações, levou-o ao Olimpo, serviu-lhe néctar e ambrosia e conferiu-lhe imortalidade. Mas Ixião, traidor por natureza, tentou seduzir Juno, esposa de Júpiter. Júpiter então criou uma nuvem com a forma da deusa. Ixião uniu-se a essa nuvem, dando origem aos Centauros.

Pensando nessa história surpreendente de uma nuvem-mulher, escrevi este poema:

Nefele, nuvem mágica  
Em forma de mulher,  
Nem era mulher,  
Mas gerou os centauros  
Que cavalgaram loucos  
Pelos campos.

Nefele nem era mulher,  
Era nuvem de água e gelo,  
Envolta em névoa.  
Nefele,  
Vago por realidades inefáveis,  
Nebulosas;

Meus emblemas são a Via Láctea,  
O véu da noiva,  
A estrela polar,  
A neve.  
Oculto-me numa nuvem,  
A nuvem é meu disfarce,  
Sou a própria nuvem  
Vista pela outra face.

Alma de poeta,  
À cata de símbolos,  
Nefelibata."

Dizem que o poeta vive nas nuvens ou trancafiado numa "torre de marfim"; que, dominado por um suposto ideal, não dá atenção aos fatos do cotidiano nem às lições da experiência. O poeta pode parecer distraído, desatento, mas, na verdade, ele está concentrado em coisas que ninguém observa ou dá valor, a não ser ele próprio. Esforça-se para apreender o impalpável, vive em busca do símbolo, que é o sinal luminoso duma complexa realidade espiritual, com a qual ele se comunica. É assim que o poeta pode se tornar porta-voz de multidões inteiras: verbalizando o que os outros não conseguem captar.

Sou mulher, meio nuvem, meio Nefele. Cultivo o Vago, o Oculto, o Mistério, a Ilusão, a Solidão que me permitem sondar além das aparências do concreto tangível, num mundo de névoas e idéias.

**Raquel Naveira é escritora, poeta, Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo.**

**LINGUAGEM VIVA**

[www.linguagemviva.com.br](http://www.linguagemviva.com.br)

Consulte nossa tabela de preços

[Linguagemviva@linguagemviva.com.br](mailto:Linguagemviva@linguagemviva.com.br)

Tel.: (11) 2693-0392 - 7358-6255

# Notícias



Ivana e Jorge Sallun Nassim

**Ivana de Negri** foi agraciada com a *Medalha de Mérito Cultural e Cívico* da Sociedade Beneficente Sírio-Libanesa de Piracicaba, por reconhecimento ao seu trabalho voltado ao engrandecimento cultural na área de literatura.

**Ronaldo Werneck** lançou *Há Controvérsias 1 (1987 – 2003)*, pela artepaubrasil.

**A Livraria Martins Fontes** completa 50 anos em janeiro. A primeira livraria foi inaugurada, em 1960, na cidade de Santos, pelos irmãos Walter e Waldemar.

**A Livraria Cortez** promoverá intensa programação, aos sábados, no mês de janeiro, para estimular a leitura, Rua Bartira, 317 – Perdizes, em São Paulo. Tel.: (11) 3873-7111.

**A Associação Nacional do Livro (ANL)** divulgou o levantamento anual que apontou o crescimento de 9,73%, da economia do setor de 2009, em comparação a 2008.

**Autores** e titulares dos direitos autorais de obras didáticas para o ensino médio poderão fazer a pré-inscrição no Programa Nacional do Livro Didático até o dia 12 de abril. <http://www.fnnde.gov.br/>

**Colm Tóibín** foi agraciado com o *Costa Book Awards*, na categoria de melhor romance; Raphael Selbourne, prêmio para romance iniciante; Graham Farmelo, na categoria biografia, Christopher Reid, na categoria poesia; e Patrick Ness ganhou o prêmio de livro infantil.

**O Presidente Luiz Inácio Lula da Silva** sancionou o Projeto de Lei que beneficia as produções cinematográficas, artísticas e culturais, que poderão se enquadrar no regime de tributação para Micro e Pequenas Empresas. A alíquota mínima de 6% substituirá a atual de 17,5%. O Simples da Cultura unirá quatro impostos federais, um estadual e um municipal.

**A 42ª Feira Internacional do Livro do Cairo**, organizada pela General Egyptian Book Organization, acontecerá de 28 de janeiro a 10 de fevereiro, no International Fairground, em Nasr City.

**O 6º Prêmio Barco a Vapor de Literatura Infantil e Juvenil 2010**, prêmio promovido pela Fundação SM, está com inscrições abertas até o dia 19 de fevereiro para originais inéditos, escritos em língua portuguesa, destinados a leitores entre 6 e 13 anos. A obra vencedora será publicada na coleção *Barco a Vapor*, pela Edições SM e autor firmará contrato de edição, no valor de R\$ 30 mil, como adiantamento de direitos autorais.

**Prêmio Barco a Vapor:** Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz, 55 - Água Branca - São Paulo - SP - 05036-120. **Regulamento:** [http://www.edicoessm.com.br/ver\\_noticia.aspx?id=11182](http://www.edicoessm.com.br/ver_noticia.aspx?id=11182) **Informações:** [barcoavapor@grupo-sm.com](mailto:barcoavapor@grupo-sm.com).

**Bartolomeu Campos de Queirós**, com a obra *Tempo de voo*, foi laureada com o *Prêmio Glória Pondé*, promovido pela Biblioteca Nacional a obras infantis e juvenis. *Bichos*, de Ronaldo Simões Lopes foi agraciado em segundo lugar e Graziela Bozzano Hetzel, com *O Lobo*, em terceiro lugar.

**Livro de Rua**, projeto que integra o *Eixo 1* (Democratização do Acesso) do Plano Nacional do Livro e Leitura, abrigará livros em locais públicos para criar uma "corrente de livros libertos". [www.livroderua.com.br](http://www.livroderua.com.br)

**Calendário de Feiras da França** para o início do ano reunirá a International Comics Festival, em Angoulême, de 28 a 31 de janeiro, e a Expolangues, Paris, de 3 a 6 de fevereiro.

**A Biblioteca Parque Manguinhos**, primeira do gênero no Brasil equipada com recursos do Programa Mais Cultura, foi inaugurado no final do ano passado no Rio de Janeiro. É baseada na biblioteca de Medellín, na Colômbia.

**O Google** foi condenado pela justiça francesa por cometer atos de falsificação do direito autoral, ao digitalizar livros sem autorização das editoras, e terá que pagar 300 mil euros por danos e prejuízos.

**A Academia Brasileira de Letras** lançou uma série de livros com 10 volumes, organizada pelo acadêmico Antônio Carlos Secchin, sobre os 40 membros e seus patronos, no decorrer dos 112 anos de história.

**O Programa Arca das Letras** entregou uma biblioteca para a Penitenciária Federal de Mossoró, no Rio Grande do Norte para garantir o acesso dos presos à leitura.

**A 18ª Feira Internacional do Livro de Taipei**, que acontecerá de 27 de janeiro a 1 de fevereiro, no Taipei World Trade Center, em Taiwan, terá a França como País convidado de honra.

**O Site Barsa Saber.com** disponibiliza textos escritos por grandes intelectuais do país publicados originalmente na *Enciclopédia Mirador* e no *Livro do Ano*, que foram resgatados pelo projeto *Tesouros da Barsa*.

**Doações de Livros para o Timor Leste** poderão ser encaminhados a ELISIA MARGARIDA DOS SANTOS FERREIRA RIBEIRO – Leitora do Instituto Camões – Centro de Língua Portuguesa em Díli, Embaixada de Portugal em Díli, Edifício ACAIT, Avenida Presidente Nicolau Lobato, Díli, TIMOR LESTE, EAST TIMOR.

**Tuta de Carvalho** foi agraciado com o *Grande Prêmio da APCA 2009* - categoria Rádio, com a obra *Ninguém Faz Sucesso Sozinho*, que revela detalhes da carreira do jornalista e 60 anos da radiodifusão do Brasil.

**VIRA-LATAS – os verdadeiros cães de raça**, do publicitário Tiago Ferigoli, foi lançado pela Ediouro.

**A AlphaGraphics** lançou o *agbook*, divisão de livros sob demanda, que transforma suas unidades em centros de apoio para novos autores. Os interessados poderão se cadastrar no site [www.agbook.com.br](http://www.agbook.com.br).

**A Revista A Cigarra**, editada por Jurema Barreto de Souza, com concepção Gráfica de João Antonio da Silva Sampaio e Zhô Bertholini, fez as primeiras atualizações do ano. [www.revistacigarra.blogspot.com](http://www.revistacigarra.blogspot.com)

**Árabes no Brasil: história e sabor**, do historiador Ricardo Maranhão, livro lançado pelas editoras Gaia e Boccato, é ilustrado com fotografias produzidas pelo Estúdio Paladar.

**A Faculdade de Letras da PUC-Campinas** foi convidada pelo Comitê Nobel da Academia Sueca para participar da indicação de nomes de autores para o *Prêmio Nobel de Literatura de 2010*. A indicação, que deve ser tratada de forma confidencial, deverá ser feita ao Comitê, até o dia 31 de janeiro de 2010.

**Escritos de Euclides da Cunha** – Política, Ecológica, Etnopolítica, de Mauro Rosso, foi lançado pela Edições Loyola. O livro revela tanto a abrangência quanto a diferenciação do enfoque da obra, da vida e da atividade profissional e intelectual de Euclides da Cunha.

**O Sermão do Viaduto**, tese de doutorado sobre os recitais de promovidos pelo jornalista Álvaro Alves de Faria, foi lançada em livro pela Escrituras Editora. Os poemas de *O Sermão do Viaduto* foram lidos por Álvaro Alves de Faria, no *Viaduto do Chá*, em São Paulo, em plena ditadura militar. Preso cinco vezes pelo Dops, acusado de subversão, os recitais foram proibidos definitivamente em 9 de agosto de 1966.

**Andreia Donadon Leal e Hebe Rola**, Embaixadoras da Paz do Cercle Universel des Ambassadeurs de la Paix - Genebra - Suíça, promoveram, no dia 22 de dezembro de 2009, a distribuição gratuita de trezentos livros na Casa de Cultura na cidade de Mariana - Minas Gerais. A disposição dos foi inovadora: uma Árvore de Natal foi enfeitada com trezentos exemplares. A iniciativa teve o apoio da Academia Infanto-Juvenil de Letras, Ciências e Artes de Mariana, dos poetas do Jornal Aldrava Cultural, da Casa de Cultura de Mariana, da Academia de Letras do Brasil-Mariana e do Instituto Brasileiro de Culturas Internacionais-Minas Gerais.

**Altair Martins**, com *A Parede no Escuro*, foi laureado com o *Prêmio Açorianos de Literatura 2009*, na categoria *Livro do Ano*, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre.

**Lino Vitti**, Príncipe dos Poetas de Piracicaba, enviou e-mail com mensagem em comemoração ao aniversário de 20 anos do jornal, transcrito em setembro do ano passado. "Parabéns Linguagem Viva, cultura, jornalismo, ensinamentos, história, literatura, poesia e arte, Obrigadão e parabéns. Enquanto houver linguagens vivas, a cultura nacional não perecerá".

**Ângela Togeiro**, de Belo Horizonte, informou que vencedores do concurso *Prêmio Cidade de Belo Horizonte* e do *Prêmio João-de-Barro* estão em desacordo com o regulamento, porque os trabalhos não são inéditos. Ela está tomando providências junto a autoridades locais para reverter o resultado.

**Trabalhando sua imagem e a de seu livro na mídia**, curso ministrado por Marilu G. do Amaral, acontecerá no dia 3 de fevereiro, na Escola do Escritor. Informações e inscrições: Tel.: (11) 3034-2981. [escoladoescritor@escoladoescritor.com.br](mailto:escoladoescritor@escoladoescritor.com.br)

**Av. Paulista, 900: a História da TV Gazeta**, de Elmo Francfort, será lançado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, no dia 25 de janeiro, às 20h30, no Teatro Gazeta, Av. Paulista, 900, em São Paulo.